



## **Ensino de jornalismo: lições da história para além do empirismo<sup>1</sup>**

Alice Mitika Koshiyama<sup>2</sup>

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)

### **Resumo**

A partir do conhecimento da história e das condições atuais de trabalho interrogamos sobre a prática e o ensino de jornalismo no presente. Reconhecemos que a convergência digital é um problema da civilização ocidental e não apenas da comunicação ou do jornalismo (CEBRIAN, 2010) com efeitos no trabalho dos jornalistas e no ensino da profissão. Ao mesmo tempo, verificamos na história da imprensa que os momentos de grandes transformações na sociedade abrem espaços para novas propostas e mudanças no mundo do trabalho (EMERY, E. & M. Emery, 1084). Para os que atuam como jornalistas e como professores de jornalismo surgem questões teóricas e organizacionais (ALVES, R. C., 2011), mas devem permanecer a ética, a cidadania e as lições da história (CUNHA, L. C., 2011).

### **Palavras-chave**

Teoria do jornalismo; História do jornalismo; Ensino de Jornalismo; Jornalismo brasileiro.

### **Corpo do trabalho**

#### **1. Construir a cidadania pelo jornalismo?**

Acreditamos ser o jornalismo um dos meios importantes para a defesa dos direitos e a veiculação dos deveres dos cidadãos em um estado democrático, liberal e capitalista. Verificamos também que essa ordem social e econômica é desigual, apresenta contradições nas suas relações sociais e revela interesses antagônicos entre grupos que lutam pelo poder ou às vezes pela simples sobrevivência.

O jornalismo estimula os conflitos ou procura ocultá-los; muitas vezes denuncia para indignar, mas consegue apenas exacerbar o sentimento de descrença nas instituições ou incentivar a indiferença e até o cinismo em alguns leitores, reações possíveis, pois os efeitos não são unívocos nem totalmente previsíveis.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Docente do Curso de Graduação em Jornalismo e orientadora do PPGCOM, na área: Interfaces Sociais da Comunicação, na linha de pesquisa: Políticas e Estratégias de Comunicação.



Ao mesmo tempo temos comprovações de que o jornalismo é parte do exercício dos direitos da cidadania ao possibilitar que todos sejam informados de que são sujeitos de direitos, conforme lembra Victor Gentili em seu estudo *Jornalismo e Democracia de Massas*.<sup>3</sup>

No atual estágio da história, reconhecemos que o jornalismo não atingiu o objetivo de levar a todos a informação de que são sujeitos de direitos, pois tal prática é repudiada na prática por parcela poderosa da classe dominante.

Notamos que o conjunto da imprensa no Brasil representa as visões de mundo dos que a controlam ou conseguem usá-la como meio de expressar seus pontos de vista sobre o que acontece. Há dificuldades nas redações para os que discordam e colocam em destaque outros modos de ver uma realidade que muitos desejam ser única.

Creemos que reconhecer a pluralidade de visões, vozes, imagens e caminhos é parte do processo para analisar e avaliar critérios usados nas práticas profissionais e conseqüentemente avaliar o que fazer nas práticas de ensino.

## **2. Sobre aprender e ensinar**

Os que acham ser possível ensinar jornalismo como um conjunto de preceitos, de procedimentos, de práticas ou de teorias dizem: um estagiário é um estudante, é um aprendiz, é um iniciante que precisa ser acompanhado por alguém experiente que sabe sempre o que fazer. Em tese o experiente deveria saber fazer, o que nem sempre acontece.

No jornalismo, um iniciante pode produzir matérias em condições de serem publicadas até com destaque, trabalhos bem apurados com qualidade, coerência, legibilidade. Houve alunos e alunas que foram estagiar em veículos conceituados e

---

<sup>3</sup> - Elaborada inicialmente como dissertação de mestrado defendida na ECA-USP, o livro foi escrito ressaltando os aspectos essenciais do obra original. Ver: *Democracia de Massas: jornalismo e cidadania*. 1. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2005



simplesmente superaram profissionais experientes, mesmo ganhando um salário menor e às vezes até sem pagamento nenhum.

E dentre os que estão chegando ao mercado encontram-se novos talentos, profissionais criativos capazes de mudar as condições estabelecidas e as práticas tradicionais. E nem sempre esses novos profissionais passaram por uma escola de jornalismo, mas seguramente estudam muito.

Em jornalismo, quando falamos em qualidade do produto devemos examinar o processo histórico e cultural da construção e aceitação do conceito e é sempre esclarecedor perguntar: quem pode definir e impor paradigmas de qualidade?

Atualmente, as empresas de comunicação, administradas sob preceitos modernos, tratam de receber os candidatos ao trabalho na área em seus programas de treinamento. Escolhem pessoas com escolarização e interesses compatíveis e oferecem uma experiência supervisionada de atividades em jornalismo. Alguns serão aprovados e ficarão na empresa, outros levarão para o mercado de trabalho o conhecimento de um modo de atuar.

As escolas para formar jornalistas estão presentes nesse cenário em que uma competente formação escolar sistemática é um ponto positivo para organizar o trabalho nas empresas. Há racionalidade na exigência de formação escolar universitária e com possibilidades para diferentes perfis intelectuais e culturais.

### **3. Jornalistas, sindicatos e escolas**

Quando os pioneiros que fundaram o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, em 1937<sup>4</sup>, defenderam a necessidade de uma educação escolar para os jornalistas profissionais, tinham clareza de que elevar o nível cultural de toda a categoria era um meio correto para defendê-la. Eram líderes politizados e portadores de

---

<sup>4</sup> - Anotações do autor sobre reuniões sindicais em que participou resultaram em um texto publicado como livro. Ver: Edgard Leuenroth. *A Organização dos Jornalistas Brasileiros: 1908-1951*, São Paulo, COM-ARTE, 1987. – Um outro texto sobre a história do período está em José Hamilton Riberiro. *Jornalistas 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1998.



uma ética de trabalhadores, como Edgard Leuenroth e Hermínio Sacchetta, preocupados com a heterogeneidade da categoria na qual havia até um fotógrafo que era analfabeto.

Os velhos profissionais sabiam que não adiantava esperar a criação de estudos especializados e usavam o que sabiam, muito do conhecimento era fruto de autodidatismo. Um deles, Hermínio Sacchetta, ficou na memória de muitos profissionais como um mestre dos mais novos. Sacchetta transmitia aos que chegavam para trabalhar com ele valores, normas e procedimentos, sem discriminar colegas pela origem de classe ou pela escolarização.<sup>5</sup>

O patronato esclarecido também foi pioneiro em apoiar o ensino de jornalismo em escolas especializadas conforme demonstra Gisely Hime, no seu exemplar trabalho sobre o jornalista Cásper Líbero, que ganhou dinheiro como empresário e no seu testamento doou boa parte de sua herança para a Fundação Cásper Líbero, cujos bens deveriam dar sustentação ao ensino gratuito para formar jornalistas (HIME, 1997).

A obrigatoriedade do diploma em curso de graduação em jornalismo para o exercício da profissão, promulgada em 1969 e extinta em 2010, apesar da campanha em defesa da permanência da obrigatoriedade movida por entidades que congregavam jornalistas e professores (como a FENAJ, o FNPJ, o SBPJor, a INTERCOM).

#### **4. Paradigmas para o ensino de jornalismo**

Atualmente, a formação de profissionais pelas escolas de jornalismo é um tema de estudos acadêmicos e temos cursos de graduação e pós-graduação nas principais universidades do Brasil dedicados ao ensino e ao treinamento profissional.

---

<sup>5</sup> - A história vida do jornalista, militante político e cidadão Hermínio Sacchetta merece registros escritos mais detalhados do que a síntese Hermínio Sacchetta. *O caldeirão das bruxas e outros escritos políticos*. Campinas, SP: Pontes : UNICAMP, 1992.



E notamos que hoje são muitas as organizações que trabalham para a construção de paradigmas de atuação profissional. São empresas, escolas, sindicatos, mídia ligados em jornalismo e em comunicação, instituições governamentais, públicas e privadas que de alguma forma interferem na prática do jornalismo tentando regular os procedimentos profissionais.

No mundo atual, escolas de jornalismo funcionam também como meios de enquadramento dos futuros profissionais nos valores que interessam às empresas, conforme mostrou o pesquisador e cientista social Alain Accardo<sup>6</sup>. Para ele, há um processo de domesticação dos futuros profissionais nas escolas, onde são ensinados a atender as demandas das empresas. Estas selecionam e promovem os profissionais que concordam com os paradigmas profissionais dominantes, vividos naturalmente como uma extensão de suas vidas, não sendo necessário o uso da coerção. E normalmente os profissionais em cargos de direção selecionam subordinados que concordam também com os procedimentos dominantes.

Mas o debate sobre o jornalismo como prática de interesse dos profissionais e de toda a sociedade no Brasil originou inúmeros periódicos. O surgimento da revista IMPRENSA que participa da mídia especializada e aborda o mundo das comunicações foi um marco. Em circulação há mais de vinte anos, também veicula paradigmas de atuação profissional. Podemos apontar várias coincidências entre sua proposta editorial de 2009-2010 e a de grandes empresas jornalísticas da indústria cultural no país<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Alain Accardo. **SUBMISSÃO CHIQUE - A estranha ética dos jornalistas**, *Le Monde Diplomatique*, ano I no. 4, edição brasileira, trad. De Rúbia Prates, [http://diplo.dreamhosters.com/-2000-05,r118-html?debut\\_articles=20#pagination\\_articles](http://diplo.dreamhosters.com/-2000-05,r118-html?debut_articles=20#pagination_articles)  
<http://diplo.dreamhosters.com/2000-05,a1750.html>

<sup>7</sup> Ver: **O valor do trabalho do jornalista nas práticas profissionais**, texto apresentado no XIII Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, do FNPJ, em Recife, abril de 2010.



Lembramos também de vários endereços na internet e dentre eles destacamos pela longevidade e abrangência e prontidão, o Observatório da Imprensa (<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>), “revista semanal de crítica da imprensa” que veicula textos publicados em outros locais e atua com uma equipe de colaboradores que levanta temas e realiza trabalhos sobre eventos da semana. É um espaço de consulta sobre textos pautas que interessam a profissionais comunicadores e professores. Também há possibilidades dos próprios jornalistas cuidarem do seu autoaperfeiçoamento e contribuírem para a formação de jovens profissionais, como tem feito a ABRAJI (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo)<sup>8</sup>. Entidade formada e dirigida por profissionais atuantes nas principais organizações jornalísticas do país, oferece cursos de curta duração, organiza congressos, patrocina eventos, realiza campanhas pelas causas que afetam a categoria nas suas práticas de trabalho. A ABRAJI foi criada com o incentivo inicial do jornalista brasileiro e professor Rosental Calmon Alves, apoiado pelo Centro Knight. Ela é uma instituição parecida com a IRE (Investigative Reporters & Editors), criada pelos jornalistas dos Estados Unidos, ou o Centro de Periodismo de Investigación, de nossos colegas mexicanos. ABRAJI é uma entidade que defende um paradigma de jornalismo que se orienta pelo liberalismo político em nossa avaliação.

Pessoalmente, acho que escolas profissionais de jornalismo são portas para a entrada no mercado de trabalho e nos setores da sociedade que podem se beneficiar do trabalho de alguém formado em uma universidade. Escolas estão sujeitas ao corporativismo e as limitações (empresariais, partidárias, ideológicas) que também atingem outras instituições voltadas para criar paradigmas de atuação para jornalistas. Escolas constroem laços de dependência com grupos de interesses na sociedade.

---

<sup>8</sup> ABRAJI – Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, acesso em 27 /02/2010.  
<http://www.abraji.org.br/>



Mas é estimulante examinar uma perspectiva da história dos jornalistas que nos mostra o peso da condição individual na ação de cada um deles e no resultado do trabalho jornalístico. Não é possível implantar uma linha de montagem para formá-los e há um percentual de escolhas pessoais sobre o que e como fazer um trabalho em jornalismo. E além de conhecimentos técnicos, fatores intelectuais, psicológicos e ideológicos afetam o trabalho final do jornalista. Conforme mostrou Phillip Knightley, em seu indispensável relato sobre o trabalho dos correspondentes de guerra na história do século XIX e XX<sup>9</sup>, jornalismo era uma profissão aberta a todos os interessados em participar dela. Na guerra do Vietnã, em que toda a sociedade norte-americana se envolveu, vimos a multiplicidade de estilos e formas de cobertura de conflitos. Foi uma guerra mostrada pela televisão e questionada por uma parte da sociedade norte-americana, uma guerra presente na agenda da vida quotidiana dos Estados Unidos por muitos anos.

## 5. Tecnologias, cultura e ensino

O jornalista e escritor Juan Luis Cebrián<sup>10</sup>, um dos fundadores do diário *El País* reconhece a revolução tecnológica e suas conseqüências para a cultura ocidental, afetando desde o sistema financeiro até os comportamentos da vida quotidiana.

O autor reconhece a presença da informação e da cultura digital, a internet como a depositária de uma biblioteca universal, mas o acesso e o uso desse acervo depende de habilitação e capacidade que não é um atributo de todos.

---

<sup>9</sup> - Vale muito ler e refletir sobre a história contada pelo jornalista e pesquisador da imprensa que buscou mostrar os jornalistas em todas as dimensões humanas. Ver: Phillip Knightley. *A Primeira Vítima (o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Criméia ao Vietnã)*, trad. Sônia Coutinho, Rio, Nova Fronteira, 1978.

<sup>10</sup> - Juan Luis Cebrián. **Repórteres, gansos e trapaceiros**. publicado em 2/6/2009 disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=540AZL001#>, acessado em 15 de junho de 2010. Texto básico para nossas reflexões.



O jornalismo foi profundamente afetado por essa nova realidade. Em tese as informações estão disponíveis para todos os usuários da rede. O que se pode concluir daí é que o velho adágio ter informação é ter poder perdeu a validade. Cebrián cita o ex-presidente Felipe Gonzalez para quem liderança consiste em ter informação e capacidade para produzir e utilizar dados.

Ou seja, em mundo com excesso de informações, as pessoas não conseguem distinguir o que interessa para sua vida cotidiana. As informações confundem e não ajudam a viver melhor. Nessa situação cabe ao jornalismo o trabalho de mediação entre a sociedade e os indivíduos, “o da análise, explicação e seleção de fatos, o da descoberta de acessos aos fatos que são públicos e estão inacessíveis.”

Nesse contexto temos a figura do jornalista solo que atua em várias funções técnicas para veicular informações jornalísticas especializadas, e estas misturam-se com os vários tipos de dados, boatos, fatos inventados. É uma volta à pré-história do jornalismo impresso. No entanto, trata-se de mais um movimento de alta tecnologia e há possibilidade de se eliminar a impressão em papel e usar apenas as telas de cristal dos computadores. O problema não é o suporte da informação, mas a informação em si que se altera. Cebrián destaca:

A partir del hecho de que un periódico en la Red no es un periódico, porque no sale periódicamente, sino que se renueva de continuo; a partir del fenómeno imparable de la convergencia entre textos, vídeo y audio, que las nuevas tecnologías favorecen; a partir de que el mercado se ha hecho global, planetario, y la realidad tan paradójica que nos permite dirigirnos individualizadamente, pero a la vez, a millones de personas, sin fronteras geográficas ni temporales que lo impidan, el ejercicio de nuestra profesión va a cambiar de forma sustancial; lo está haciendo ya.

A civilização da imagem em escala planetária iguala ações do mundo do cinema de Hollywood com atos terroristas do mundo real. A queda das Torres Gêmeas em Nova Iorque, as ações militares no Irã, no Iraque e no Afeganistão provocam mobilizações militares:

¿Cabe mayor metáfora de la globalización de la información, de la globalización de la economía, de la globalización del poder, de la guerra y la paz, del terrorismo y el miedo, que los sucesos del 11 de septiembre en Nueva





York y Washington y las horribles secuelas desatadas por ellos? Pero ¿qué hacer como periodistas en este mundo inundado por el reinado de la imagen y los tambores de la propaganda? Algunos se preocupan, no sin razón, por las tendencias autoritarias que en las democracias más antiguas se aprecian hoy, constreñidos y aterrorizados sus ciudadanos por la lábil e insidiosa amenaza del terrorismo.

A partir da exposição de fatos, Cebrián aponta questões técnicas e problemas éticos sobre o modo de fazer jornalismo e suas conseqüências para a cultura e os valores da sociedade democrática.

O tema da convergência aparece na reflexão sobre os conteúdos das coberturas políticas de batalhas feitas pelas televisões e o sensacionalismo na exploração de imagens de crianças e idosos na sua miséria e sofrimento, imagens que servem à propaganda política, com linhas tênues entre jornalismo e propaganda política.

En España el dolor de las víctimas del terrorismo ha sido y es constantemente utilizado por los medios de comunicación con objeto de sensibilizar a la opinión pública respecto a políticas determinadas, del todo discutibles. Sé cuán delicada es esta cuestión y cuán difícil generalizar. Ésta es una buena ocasión, en cualquier caso, para reflexionar, para la autocrítica, más que para la acusación al otro. Y una oportunidad para repasar los orígenes de nuestra profesión, en los que está también inscrito su destino. Quizás así podamos comenzar a descubrir cómo ha de ser el periodismo que nos aguarda en el futuro; cómo ha de ser el periodismo en los nuevos tiempos del cólera.

O texto do jornalista Juan Luis Cebrián nos alerta para a convergência dos meios digitais como um processo que deve ser decifrado para a reorganização do nosso trabalho enquanto jornalistas e docentes de jornalismo. Pela sua posição interrogativa o autor nos convida a participar da construção de um novo mundo.

Há necessidade de preparar mediadores competentes na triagem da enorme quantidade de informações disponíveis nos meios digitais para adequá-las às demandas específicas de cada cidadão.

E trata-se de um desafio imediato: como preparar esses profissionais? Para isso é preciso saber quais os nossos valores éticos-políticos. Pensamos em cidadãos, em sociedades em que a democracia é um valor universal inegociável? Ou seremos tragados



pelos supremos valores do consumo incessante e sem limites, pelo cinismo e a indiferença sobre as responsabilidades individuais em projetos coletivos de sociedade?

Concordaremos que comunicadores são apenas os peritos das técnicas, que apostam perpétuas corridas para dominar as tecnologias em transformação?

## **6. Crise no mercado de trabalho e proposta para o ensino**

A perspectiva de jornalistas como mediadores proposta por Cebrian, está no centro da prática de jornalistas norte-americanos mergulhados na crise da redução do mercado de trabalho, com a configuração alterada pelas mudanças nos processos de produção da notícia. A tecnologia reduziu o número de empregos nos setores mais tradicionais do mercado de publicações impressas, e ao mesmo tempo oferece novas possibilidades para os que decidem pensar em novas organizações para a produção de notícias.

Ao pensar a informação, o seu vínculo com todas as formas de poder, temos a chave para pensar possibilidades para o trabalho de jornalistas e para o ensino da profissão.

Rosental Calmon Alves descreve a situação do mercado norte-americano de trabalho para jornalistas e relata a importância de se desenvolver um ensino que reforce as questões sobre valores e éticas ligados a um projeto democrático de sociedade, em que a informação possa ser produzida e levada para os cidadãos. Ao estudar as condições do mercado jornalístico nos Estados Unidos, percebeu a importância de oferecer aos profissionais uma formação em empreendedorismo, habilitando-os a vivenciar a parte empresarial do negócio. Isso permitirá que o jornalista possa lidar também com financiadores dos projetos sem fins de lucro. As quais para sobreviverem precisam criar condições de se manter com fontes de sustentação outras quando



findarem os aportes dos que investiram inicialmente nos projetos. Saber captar e manter relações com fontes, leitores e diferentes grupos de interesses que possam financiar projetos de jornalismo investigativo é uma necessidade para sobreviver com independência. Ao mesmo tempo, Calmon Alves reconhece a importância para um projeto democrático de sociedade poder criar e manter diferentes formas de fazer jornalismo investigativo. Em nossa opinião trata-se de um padrão de jornalismo possível com a convergência dos meios.

## **7. Jornalismo e a construção da cidadania**

No Brasil, há algumas possibilidades para o desenvolvimento de novas formas de fazer jornalismo, que precisam ser implementadas e desenvolvidas. As relações dos jornalistas profissionais com entidades como a Fundação Knight e outras, devem ser difundidas e cultivadas, em diálogo com escolas de jornalismo.

Ao mesmo tempo, é preciso pensar o ensino a partir de um sistema de constituído pelos próprios profissionais, pelas entidades que analisam e criticam a informação que circula na sociedade, como os observatórios da imprensa em diferentes suportes (impresso, internet, audiovisual), associações profissionais de empresários de comunicação e organizações sindicais de jornalistas, associação de pesquisadores e professores, produtores de informação alternativa aos meios de comunicação da grande imprensa na internet, em sites de organizações não governamentais, em blogs e colunas especializadas.

Notamos que há diferentes espaços para informar as pessoas, que alguns conhecimentos dependem desses espaços, e que em algumas situações há intercâmbios de dados entre diferentes lugares.



Pensamos que ao lado dos meios tradicionais de ensino, pelas escolas com seus currículos e suas limitadas possibilidades de tratar do conhecimento importante para futuros jornalistas, temos todo esse sistema que devemos levar aos estudantes nas suas experiências para atuar na sociedade da informação.

Acreditamos que nosso conceito de aprendizagem inclui a leitura e o estudo de textos como o escrito pelo jornalista Luiz Cláudio Cunha e veiculado por ele em 9 de maio de 2011, ao receber o título de *doutor honoris causa* pela UNB (Universidade de Brasília). Ele define o jornalista como o profissional que tem dúvidas e faz perguntas e como cidadão se permite redigir as respostas que obteve em suas investigações. Vamos reproduzir apenas um momento do imperdível texto de 18 páginas :

Em tempos insuportáveis e sofríveis, as dúvidas são ainda maiores.

O Brasil da ditadura era um país assustado, acuado, abafado, apequenado.

A prepotência não permitia perguntas para números sem resposta: 500 mil cidadãos investigados pelos órgãos de segurança; 200 mil detidos por suspeita de subversão; 50 mil presos só entre março e agosto de 1964; 11 mil acusados nos inquéritos das Auditorias Militares, 5 mil deles condenados, 1.792 dos quais por 'crimes políticos' catalogados na Lei de Segurança Nacional; 10 mil torturados apenas na sede paulista do DOI-CODI; 6 mil apelações ao Superior Tribunal Militar (STM), que manteve as condenações em 2 mil casos; 10 mil brasileiros exilados ; 4.862 mandatos cassados, com suspensão dos direitos políticos, de presidentes a governadores, de senadores a deputados federais e estaduais, de prefeitos a vereadores; 1.148 funcionários públicos aposentados ou demitidos; 1.312 militares reformados; 1.202 sindicatos sob intervenção; 245 estudantes expulsos das universidades pelo Decreto 477 que proíbe associação e manifestação; 128 brasileiros e 2 estrangeiros banidos; 4 condenados à morte (sentenças depois comutadas para prisão perpétua); 707 processos políticos instaurados na Justiça Militar; 49 juízes expurgados; 3 ministros do Supremo afastados, o Congresso Nacional fechado por três vezes; 7 Assembleias estaduais postas em recesso; censura prévia à imprensa e às artes; 400 mortos pela repressão; 144 deles desaparecidos até hoje.

Conto e lembro porque isso precisa sempre ser recontado e relembrado, para que ninguém duvide que a ditadura não foi branda, nem breve. Todos e cada um desta longa contabilidade de violência encerravam um universo de dor, de frustração, de lamento, de medo e de opressão que se espalhava, que contaminava, que amesquinhava um país e um povo. (CUNHA, 2011, p.6)

Lembramos que os anos de ditadura foram aqueles da nossa formação como estudantes, professores e cidadãos. Como nação e como povo convivemos com limitações, preconceitos, valores que permanecem no tempo e sabermos que eles existem é apenas o primeiro estágio para mudá-los. Exercer jornalismo, ensinar



jornalismo no Brasil são atividades que exigem contínua aprendizagem, permanente aperfeiçoamento pessoal e incansável batalha nos tempos da ditadura e no país que resultou depois dela.

---

### Referências bibliográficas

ABRAJI – Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, último acesso 07/07/2011.  
<http://www.abraji.org.br/>

ALVES, Rosental Calmon. **O futuro do jornalismo investigativo: desafios e ameaças** -- painel de encerramento do 6º. Congresso ABRAJI, em 02/07/2011, exposição oral e debate, in:  
[http://abraji.org.br/index.php?id=112&acao=detalhe&sala\\_id=59](http://abraji.org.br/index.php?id=112&acao=detalhe&sala_id=59)

ACCARDO, Alain. **SUBMISSÃO CHIQUE - A estranha ética dos jornalistas**, *Le Monde Diplomatique*, ano 1 no. 4 , edição brasileira, trad. De Rúbia Prates,  
[http://diplo.dreamhosters.com/-2000-05.r118-html?debut\\_articles=20#pagination\\_articles](http://diplo.dreamhosters.com/-2000-05.r118-html?debut_articles=20#pagination_articles)  
<http://diplo.dreamhosters.com/2000-05.a1750.html>

CEBRIÁN Juan Luis. **Repórteres, gansos e trapaceiros** - capítulo do livro *El pianista en el burdel*, Galaxia Gutenberg/Círculo de Lectores: Madri, 2009, publicado em 2/6/2009, acessado em 15 de junho de 2010, disponível em  
<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=540AZL001#>

CUNHA, Luiz Cláudio. Todos temos que lembrar -- discurso anexo a reportagem *Jornalismo*, 9/5/2011, consulta em 4 de julho de 2011.  
<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=5052>

EMERY, Edwin & Michael Emery. *The Press and America: An Interpretative History of Mass Media*, 5a. ed., New Jersey, Prentice Hall, 1984

GENTILLI, Victor Israel. *Democracia de Massas: jornalismo e cidadania*. 1. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

HIME, Gisely Valentim Vaz Coelho. *A Hora e a Vez do Progresso - Cásper Líbero e o Exercício do Jornalismo nas Páginas d'A Gazeta*. São Paulo, dissertação de mestrado, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), 1997.

KNIGHTLEY, Phillip. *A Primeira Vítima (o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Criméia ao Vietnã)* , trad. Sônia Coutinho, Rio, Nova Fronteira, 1978.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **O valor do trabalho do jornalista nas práticas profissionais**. Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (fnpj), XIII Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, IX Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino de Jornalismo, Universidade Católica de Pernambuco, [www.unicap.br](http://www.unicap.br), disponível em:  
[http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/papers.php?first\\_letter=M&cf=19](http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/papers.php?first_letter=M&cf=19)

LEUENROTH, Edgard. *A Organização dos Jornalistas Brasileiros: 1908-1951*, São Paulo, COM-ARTE, 1987.



*Observatório da Imprensa*. Site de crítica da mídia. Último acesso em 07/07/2011.  
<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>

RIBEIRO, José Hamilton. *Jornalistas 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1998.

SACCHETTA, Herminio. *O caldeirão das bruxas e outros escritos políticos*. Campinas, SP: Ponte: UNICAMP, 1992.